

AULA 02

PRINCÍPIOS DE INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA

Prof. Augustus Nicodemus Lopes

PARTE I - POR QUE PRECISAMOS INTERPRETAR A BÍBLIA?

Introdução

Nem todos se apercebem do fato de que toda leitura de um texto envolve um processo de interpretação do mesmo. Não existe compreensão de um texto sem que haja interpretação, mesmo que esta leitura seja do jornal e o processo de interpretação aconteça inconscientemente.

Sendo um texto, a Bíblia não foge a esta regra. Cada vez que a abrimos e lemos, buscando entender a mensagem de Deus para nós, engajamo-nos num processo de interpretação. Como Palavra de Deus, a Bíblia deve ser lida como nenhum outro livro. Mas, tendo sido escrita por homens, ela deve ser interpretada como qualquer outro livro. Além disto, a Bíblia está distante de nós em diversos aspectos, como veremos adiante, o que faz com que nossa leitura dela exija um esforço consciente de interpretação. Ler a Bíblia, em certo sentido, é diferente de lermos a revista *Veja*.

Há muitas pessoas que ficam desanimadas com as controvérsias e as polêmicas que existem nos meios intelectuais onde se estuda a Bíblia. Elas consideram desnecessário o estudo mais sério da Bíblia. Alguns até pensam que estudos acadêmicos da Bíblia são uma barreira à espiritualidade e ao crescimento da Igreja. Podemos entender a atitude de pessoas assim, pois realmente existe muito academicismo e intelectualismo árido e infrutífero em muitos círculos evangélicos.

Por outro lado, rejeitar o estudo da Bíblia não vai resolver o problema, pois continuamos diante de um texto antigo, distanciado de nós, escrito em outras línguas e que precisa ser interpretado para poder ser entendido. Alguns dizem: "Vamos deixar de lado estas questões e simplesmente ler a Bíblia como ela é". Infelizmente, uma leitura assim não é possível. Não existe leitura e entendimento de um texto sem que haja interpretação, mesmo que esta interpretação se processe de forma inconsciente. O objetivo desta aula é levantar alguns aspectos da natureza da Bíblia que tornam indispensável um esforço consciente para interpretá-la.

A Bíblia como livro humano

O fato de que a Bíblia não caiu pronta do céu, mas que foi escrita por diferentes pessoas em diferentes épocas, línguas e lugares, alerta-nos para o que alguns estudiosos têm chamado de **distanciamento**. O fenômeno do **distanciamento** aparece em diversas áreas:

- **Distanciamento temporal** -- A Bíblia está séculos distante de nós. Seu último livro foi escrito pelo final do século I da Era Cristã, o que nos separa temporalmente em cerca de dois milênios. A distância temporal, num mundo em constantes mudanças, faz com que a maneira de encarar o mundo, os aspectos culturais e lingüísticos dos escritores da Bíblia se percam no passado distante. Portanto, como qualquer documento antigo, a Bíblia precisa ser lida levando-se isto em conta. Os princípios de interpretação da Bíblia procuram condições de transpor este abismo temporal.

- **Distanciamento contextual** -- Os livros da Bíblia foram escritos para atender a determinadas situações, que já se perderam no passado distante. É verdade que ao serem incluídos no cânon bíblico, eles passaram a ser relevantes para a Igreja universal. Por outro lado, recuperar o contexto em que estes livros foram escritos é essencial para entendermos melhor a sua mensagem. As cartas de Paulo foram escritas visando atender às necessidades de igrejas locais. Não posso entender corretamente o ensinamento do apóstolo

sobre o uso do véu pelas mulheres (1 Coríntios 11) se não estiver consciente do problema que estava acontecendo na Igreja relacionado com a participação das mulheres no culto. Igualmente, 1 João toma outra relevância quando fico consciente de que João estava escrevendo contra a influência de uma forma incipiente de *gnosticismo* nas igrejas da Ásia Menor. Ou ainda, que o livro de Habacuque foi escrito num contexto de iminente invasão por potências estrangeiras. A mensagem do evangelho de Marcos fica mais clara quando descobrimos que Marcos escreveu provavelmente para ajudar os crentes romanos a enfrentar as provações que sofriam por causa de Cristo. E o livro de Jonas -- especialmente a atitude de Jonas contra os ninivitas -- ganha maior clareza quando descubro que havia uma antipatia natural dos judeus contra os ninivitas por causa dos seus grandes pecados. Os princípios de interpretação da Bíblia procuram transpor as dificuldades criadas pela distância contextual.

- **Distanciamento cultural** -- O mundo em que os escritores da Bíblia viveram já não existe. Está no passado distante, com suas características, costumes, tradições e crenças. Muito embora a inspiração das Escrituras garanta que sua mensagem seja relevante para todas as épocas, devemos lembrar que esta mensagem foi registrada numa determinada cultura, da qual traços foram preservados na Bíblia. Os princípios de interpretação da Bíblia devem levar em conta o jeito de escrever daquela época, a maneira de expressar conceitos e ilustrar as verdades, para poder transpor a distância cultural.

- **Distanciamento lingüístico** -- As línguas em que a Bíblia foi escrita também já não existem. Não se fala mais o hebraico, o grego e o aramaico bíblicos nos dias de hoje, mesmo nos países onde a Bíblia foi escrita. Como cada língua tem seu jeito próprio de comunicar conceitos (apesar de uma estrutura comum a todas), princípios de interpretação da Bíblia devem levar em conta estas peculiaridades. O conhecimento do paralelismo hebraico certamente nos ajuda a entender os Salmos melhor, bem como os profetas.

- **Distanciamento autorial** -- Devemos ainda reconhecer que teríamos uma compreensão mais exata da mensagem de alguns textos bíblicos reconhecidamente obscuros se os seus autores estivessem vivos. Poderíamos perguntar a eles acerca destas passagens complicadas que escreveram e que continuam até hoje dividindo os melhores intérpretes quanto ao seu significado. Por exemplo, Pedro poderia nos esclarecer o que ele quis dizer com "Cristo foi e pregou aos espíritos em prisão". Ou ainda, Paulo poderia nos dizer o que ele quis dizer com "o que farão os que se batizam pelos mortos?". Mateus poderia finalmente tirar a dúvida sobre o sentido da frase de Jesus "não terminarão de percorrer as cidades de Israel até que venha o Filho do Homem". Daniel poderia nos esclarecer a quem ele se referia por Ciro (de quem não temos registro fora da Bíblia) e porque considerava Belsazar filho de Nabucodonosor, quando era filho de Nabonido. Não endossamos o que alguns estudiosos afirmam, que com a morte do autor perdeu-se a possibilidade de recuperar-se a intenção dos mesmos. A razão é que a intenção deles sobrevive no que escreveram. Mas certamente a ausência do autor faz com que a interpretação de textos obscuros seja necessária. Princípios de interpretação devem levar em conta o distanciamento autorial, e buscar meios de recuperar a intenção deles nos próprios textos que escreveram.

O distanciamento, portanto, exige de nós a tarefa de interpretar. Interpretar é exatamente tentar transpor o distanciamento em suas várias formas, como mencionadas acima, e chegar ao sentido exato do texto. De forma geral, o ponto central da mensagem da Bíblia é tão claro que pode ser entendido por todos, mesmo os que não estão conscientes do distanciamento. A prova disto é que a Igreja vem se mantendo viva e ativa através dos séculos, sendo composta em sua quase absoluta maioria de pessoas que não têm treinamento teológico, histórico e lingüístico que permitiriam uma leitura mais informada das Escrituras. Por outro lado, uma maior exatidão e clareza acerca de todos os aspectos da mensagem bíblica não poderá ser alcançada sem interpretação consciente.

Seria importante perguntar até que ponto o lado humano das Escrituras possibilitaram a entrada de erros na mesma. Esta é uma questão bastante controversa e certamente não poderemos abordá-la de forma exaustiva aqui. Apenas reafirmaremos nossa convicção de que *a Bíblia é a verdadeira Palavra de Deus*, com as seguintes qualificações:

1. Ao dizermos que a Bíblia é verdadeira em tudo que afirma não estamos negando que *erros de copistas* se introduziram no longo processo de transmissão do texto. Seria negar a realidade. A inerrância é um atributo dos autógrafos, ou seja, do texto como originalmente produzido pelos autores inspirados por Deus. Muito embora hoje não tenhamos mais os autógrafos, pela providência divina podemos recuperá-los quase que em sua totalidade através da ajuda de ferramentas como a baixa crítica ou a manuscritologia bíblica.

2. Também não estamos dizendo que os autores bíblicos receberam conhecimento pleno e onisciente acerca do mundo e das ciências, ao escreverem. Eles se expressaram *nos termos e dentro do conhecimento disponível naquela época*, acomodando a verdade revelada em termos do que sabiam do mundo. Assim, eles falam que o sol nasce num lado do céu e se põe no outro, ou ainda mencionam que o sol parou no céu (Josué). Do ponto de vista rigorosamente científico estas declarações são inexatas. Ou ainda, no livro de Levítico, se diz que a lebre ruma e que o morcego é uma ave. Sabemos que as duas coisas não são verdade: lebres não ruminam e morcegos não são aves. Os autores bíblicos, entretanto, expressaram a verdade divina acomodando-se ao conhecimento de sua época, quando se pensava que o sol de fato girava em torno da terra, que todos os animais que mexiam com a boca após comer eram ruminantes e que tudo que tivesse asas e voasse era ave!

3. Também não estamos dizendo que podemos explicar todas as partes da Bíblia em termos absolutamente satisfatórios. Por exemplo, a harmonia dos Evangelhos continua sendo um desafio para autores comprometidos com a inerrância bíblica, pois nem sempre consegue-se achar uma explicação absolutamente satisfatória para os problemas levantados pelas aparentes discrepâncias entre os Evangelhos. Ou ainda, pelas discrepâncias entre 1-2 Crônicas e 1-2 Reis. No entanto, não podemos aceitar soluções que impliquem numa diminuição da autoridade das Escrituras, sugerindo contradições ou erros. É preferível aguardar até que mais informações nos ajudem a achar soluções compatíveis com a natureza da Escritura e sua divina origem.

4. Por último, é importante acrescentar que não estamos dizendo que as *traduções* da Bíblia são inerrantes. Muito embora possamos ler com confiança a Bíblia em nossa língua, reconhecemos que em muitos casos os tradutores tiveram que tomar decisões relacionadas com a melhor maneira de traduzir um determinado termo ou expressão, e que tais decisões, não sendo inspiradas por Deus, nem sempre foram as corretas.

A Bíblia como livro divino

Por outro lado, o fato de que a Bíblia foi inspirada por Deus, sendo assim a Sua Palavra, deve ser levado em conta por aqueles que desejam interpretá-la corretamente. A divindade e a humanidade das Escrituras devem ser mantidas em equilíbrio. Quando enfatizamos uma em detrimento da outra, acabamos por cair em algum dos erros hermenêuticos que caracterizam a história da interpretação cristã das escrituras.

Este foi o grande problema do método histórico-crítico de interpretação, que surgiu com o Iluminismo, adotando os pressupostos racionalistas quanto às Escrituras, contrários à sua origem divina. Ao tratar a Bíblia exatamente como qualquer outro livro de religião, deixando de levar em conta sua inspiração e divina autoridade, os estudiosos e professores cristãos influenciados pelo racionalismo acabaram por desenvolver um método de interpretação que não aceitava o conceito de revelação, inspiração e providência de Deus. Como resultado, a Bíblia passou a ser vista, não como Palavra de Deus em sua inteireza, mas como o registro da fé de comunidades religiosas, primeiro a judaica e depois a cristã. Continha erros crassos, e seus livros individuais eram trabalhos compostos de retalhos de fontes contraditórias e refletiam mais o pensamento dos que a escreveram do que as realidades históricas e espirituais que pretendiam transmitir.

Mas, uma atitude oposta é igualmente perigosa. Muitos movimentos e grupos religiosos esquecem o fenômeno do distanciamento e encaram a Bíblia como se fosse um livro caído do céu, e cuja interpretação depende somente de oração, jejum e plenitude do Espírito Santo. Evidentemente, sendo a Palavra de Deus, precisamos de comunhão com Deus e da iluminação do Espírito para o conhecimento salvador das Escrituras. Porém, a utilização consciente de princípios de interpretação compatíveis com a natureza da Bíblia farão com

que este conhecimento nos chegue de forma mais exata e completa. Precisamos ter cuidado, porém, para não cairmos no erro de pensar que somente aqueles que têm treinamento profissional em princípios de interpretação poderão chegar ao conhecimento da mensagem das Escrituras.

Muitos dos princípios de interpretação bíblicos, praticados diariamente por todos os leitores da Bíblia, são simples, lógicos e evidentes, como por exemplo, a interpretação de uma palavra à luz do seu contexto. Isto fazemos diariamente, na leitura do jornal, de notícias pela Internet e lendo um email. Num certo sentido, ler a Bíblia envolve as mesmas regras que ler estas coisas. A natureza divina da Bíblia, por sua vez, provoca um outro tipo de distanciamento, que expressa-se nestas áreas:

- **Distanciamento natural** -- a distância entre Deus e nós é imensa. Ele é o Senhor, criador de todas as coisas, do céu e da terra. Somos suas criaturas, limitadas, finitas. Nossa condição de seres humanos impõe limites à nossa capacidade de entender e compreender as coisas de Deus. Não impede a possibilidade deste conhecimento, com certeza, mas o limita. O fato de sermos seres humanos tentando entender a mensagem enviada pelo Deus criador em si só representa um distanciamento. A distância entre a criatura e o Criador, tão frequentemente mencionada nas Escrituras, tem seus efeitos também na nossa hermenêutica. Princípios de interpretação não podem ignorar isto e pensar que bastam ferramentas hermenêuticas corretas para que possamos entender a Deus. O distanciamento provocado pela nossa humanidade deve procurar ser transposto por princípios de interpretação que reconheçam a necessidade da iluminação do Espírito.

- **Distanciamento espiritual** -- o fato de que somos pecadores impõe ainda mais limites à nossa capacidade de interpretação da Bíblia. Somos seres afetados pelo pecado tentando entender os desígnios do Deus puro e santo. A Queda é um conceito espiritual, mas com certeza não pode ser deixado de lado em qualquer sistema interpretativo das Escrituras. Transpor o abismo epistemológico causado pela Queda é certamente o ponto de partida. A regeneração e a conversão são a resposta de Deus a esta condição.

- **Distanciamento moral** -- é a distância que existe entre seres pecadores e egoístas e a pura e santa Palavra que pretendem esclarecer. A corrupção de nossos corações acaba por introduzir na interpretação das Escrituras motivações incompatíveis com o Autor das mesmas. Infelizmente a história da Igreja mostra como diferentes grupos manipulam as Escrituras para defender, provar e dar autoridade a seus pontos de vista. Certamente existem pessoas sinceras, embora equivocadas. Mas não podemos negar que o distanciamento moral acaba nos levando a torcer o sentido das Escrituras, procurando usá-la para nosso fins nem sempre louváveis. No parágrafo seguinte mencionamos alguns exemplos.

A Bíblia tem sido usada como prova das mais conflitantes teorias e idéias, o que mostra que ler e entender imparcialmente a sua mensagem não é tão fácil e costumeiro assim. A Bíblia foi usada pelos protestantes de países colonizadores para justificar a escravidão, usando textos do Antigo e Novo Testamentos que falam da escravidão sem contudo aboli-la (Ex. 21.2-6). Os seus opositores usaram também a Bíblia para defender as idéias abolicionistas, usando a parábola do bom samaritano e "amarás o teu próximo como a ti mesmo".

A Bíblia também foi usada para provar que os judeus deveriam ser perseguidos, que a guerra santa contra os muçulmanos era a vontade de Deus, que os protestantes brancos são uma raça superior, para executar as bruxas, para impedir o casamento dos padres, para defender a masturbação, para justificar o aborto e a eutanásia, para regular o tamanho das saias e do cabelo das mulheres cristãs, para prover aceitação e fortalecimento dos homossexuais, para proibir ingerência de qualquer tipo de bebida alcoólica, para proibir transfusão de sangue, para proibir o serviço militar, para defender a poligamia nos dias de hoje, para defender o suicídio religioso em massa, etc. O catálogo é imenso.

Tudo isto mostra que não é tão fácil "simplesmente ler a Bíblia e fazer o que ela diz". Nunca desanimemos da possibilidade (muito real!) de entendermos com clareza o ensinamento das Escrituras, mas reconheçamos humildemente que nunca poderemos ter uma compreensão unânime de todas as suas passagens complicadas. Sabendo que a Bíblia vem de Deus, temos ânimo para buscá-lo em oração, suplicando a Sua graça e Sua iluminação em nossa tarefa como intérpretes.

Muitos estudiosos modernos, cansados do método histórico-crítico, têm proposto novos métodos de interpretação que levem em conta o caráter divino das Escrituras. Defendem princípios de interpretação que estejam atentos não somente aos aspectos humanos da Bíblia como literatura religiosa, mas especialmente às implicações da sua divina origem e natureza, bem como da nossa dupla condição de humanos e pecadores.

Conclusão

Conforme vimos acima, a dupla natureza da Bíblia provoca um distanciamento temporal e espiritual que precisa ser transposto, para que possamos chegar à sua mensagem. Pela Sua misericórdia, Deus têm guiado e abençoado a Igreja através dos séculos, mesmo quando ela esqueceu-se de levar em conta estes aspectos. Porém, isto não nos isenta de buscarmos compreender de forma mais exata e completa a revelação que Deus fez de si mesmo. E nisto, o uso consciente de princípios de interpretação compatíveis com a natureza das Escrituras é de inestimável valor.

Método de Interpretação Bíblica

A Bíblia é a Palavra de Deus. Mas, algumas das interpretações derivadas dela não são. Existem muitas seitas, cultos e grupos cristãos que usam a Bíblia declarando que as suas interpretações são as corretas. Muito freqüentemente, no entanto, as interpretações não apenas diferem dramaticamente umas das outras, como são claramente contraditórias. Isto não significa que a Bíblia seja um documento contraditório. Antes, o problema está naqueles que a interpretam e/ou nos métodos que eles usam.

Como nós somos pecadores, somos incapazes de interpretar perfeitamente a palavra de Deus todo o tempo. O corpo, a mente, a vontade e as emoções são afetadas pelo pecado e tornam a interpretação 100% exata uma impossibilidade. Isto não significa que entender corretamente a palavra de Deus seja impossível. Mas que devemos nos aproximar à Sua palavra com cuidado, humildade e razão. Adicionalmente, nós precisamos o que de melhor nós poderíamos necessitar: a direção do Espírito Santo na interpretação da Palavra de Deus. Além do mais, a Bíblia é inspirada por Deus e dirigida ao Seu povo. O Espírito Santo nos ajuda a compreender o que a Palavra de Deus significa e como aplicá-la em nossas vidas.

No nível humano, para minimizar os erros que possam advir das nossas interpretações, nós precisamos conhecer métodos básicos de interpretação da Bíblia. Eu irei listar alguns destes princípios na forma de questões e então aplicá-los a uma passagem da Escritura.

Eu sigo os seguintes princípios como linhas-mestras para examinar uma passagem. Elas não são exaustivas e nem absolutas.

1. Quem escreveu/falou a passagem e para quem era endereçada?
2. O que a passagem diz?
3. Existe alguma palavra ou frase nesta passagem que precise ser examinada?
4. Qual é o contexto imediato?
5. Qual é o contexto mais amplo exposto no capítulo e no livro?
6. Quais são os versículos relacionados ao assunto da passagem e como eles afetam a compreensão desta?
7. Qual é o fundo histórico e cultural?
8. Qual a conclusão que eu posso tirar desta passagem?
9. As minhas conclusões concordam ou discordam de áreas relacionadas nas Escrituras ou com outras pessoas que já estudaram esta passagem?
10. O que eu posso aprender e aplicar à minha vida?

A fim de ajudar a entender como estas questões podem afetar a sua interpretação de uma passagem, eu escolhi uma que, quando examinada atentamente, pode fazer você chegar a conclusões muito diferentes. Eu deixarei que você determine a exatidão da minha interpretação.

A passagem que eu vou usar é Mt 24:40 "**Dois homens estarão no campo; um será levado e o outro será deixado**".

1. Quem escreveu/falou a passagem e para quem era endereçada?

Jesus pronunciou as palavras e elas foram registradas por Mateus.

Jesus falou aos Seus discípulos em resposta a uma pergunta, que iremos ver mais tarde.

2. O que a passagem diz?

A passagem diz simplesmente que um dos dois homens que estão fora, no campo, será levado. Ela não diz onde, porque, quando, ou como. Ela só diz que um será levado. Ela não define que o campo pertença a alguém ou a algum lugar em particular.

3. Existe alguma palavra ou frase nesta passagem que precise ser examinada?

Nenhuma palavra, nesta passagem em particular, realmente necessita que nós a examinemos cuidadosamente, mas para seguirmos este exercício, eu usarei a palavra "levar". Usando uma Concordância de Strong e um Dicionário de Palavras do Novo Testamento, eu posso verificar qual é a palavra grega e aprender a respeito dela. A palavra no Grego é "**paralambano**". Ela significa: "1) tomar, tomar para si mesmo, trazer para junto de si, 2) receber alguma coisa por transmissão."

Um ponto que vale a pena mencionar acerca do estudo das palavras é que o seu significado pode mudar de acordo com o seu contexto. Assim, examinando como a palavra é usada em múltiplos contextos, o seu significado pode receber novas dimensões. Por exemplo, a palavra "amor", no grego é "**agapao**." Ela geralmente refere-se ao "amor divino." Isto pode parecer óbvio, já que esta é a palavra usada em Jo 3:16 com este significado. No entanto, a mesma palavra é usada em Lc 11:43, onde Jesus diz: "**Ai de vocês, fariseus, porque amam os lugares de honra nas sinagogas e as saudações em público!**" (NVI). A palavra usada aqui é "agapao." Parece que o significado da palavra pode tornar-se alguma coisa na linha de "totalmente comprometido com."

No entanto, nós devemos tomar o cuidado de não usar o significado de uma palavra em um contexto em outro contexto. Por exemplo: 1) Este novo cadete é verde. 2) A árvore é verde. O primeiro verde significa "novo ou inexperiente." O segundo significa a cor verde. Poderíamos impor o significado de um contexto em outro? Sim, mas não seria uma boa idéia.

4. Qual é o contexto imediato?

É o lugar onde a passagem está inserida. O contexto imediato da nossa passagem é o seguinte, Mt 24:37-42, "**Como foi nos dias de Noé, assim também será na vinda do Filho do Homem.**"³⁸ *Pois nos dias anteriores ao dilúvio, o povo vivia comendo e bebendo, casando-se e dando-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca;*³⁹ *e eles nada perceberam, até que veio o dilúvio e os levou a todos. Assim acontecerá na vinda do Filho do Homem.*⁴⁰ **Dois homens estarão no campo: um será levado e o outro será deixado.**⁴¹ *Duas mulheres estarão moendo num moinho: uma será levada e a outra deixada.*⁴² **Portanto, vigiem, porque vocês não sabem em que dia virá o seu Senhor**" (NVI).

Imediatamente podemos perceber que a pessoa levada no verso 40 é comparada a pessoa levada no verso 39. Isto é, que as pessoas que foram "levadas" são do mesmo tipo.

Uma pequena questão precisa ser feita agora. Quem foi levado no verso 39? Foi Noé e sua família ou foram as pessoas que estavam comendo e bebendo? A resposta a esta pergunta pode nos ajudar a entender melhor a passagem original. O próximo passo na interpretação da passagem nos ajudará a entendê-la ainda mais.

5. Qual é o contexto mais amplo exposto no capítulo e no livro?

Uma passagem deve ser sempre examinada dentro do seu contexto. Não apenas no contexto dos versos imediatamente antes e depois dela, mas também no contexto do capítulo e até do livro na qual ela está escrita.

O discurso de Jesus do qual esta passagem foi tirada, começa com uma pergunta. Jesus tinha acabado de sair do templo e no verso 2 disse aos Seus discípulos que *"..não ficará aqui pedra sobre pedra; serão todas derrubadas."* Então no versículo 3, os discípulos perguntam a Jesus: **"Dize-nos quando acontecerão essas coisas? E qual será o sinal da sua vinda e do fim dos tempos?"** (NVI). Então, Jesus começa a profetizar acerca das coisas que viriam no fim dos tempos. Ele falou de falsos Cristos, tribulação, do sol se escurecendo, do Seu retorno e dos dois homens no campo onde um será levado e outro será deixado.

O contexto é escatológico. Isto significa que ele está tratando das últimas coisas, ou do tempo próximo ao retorno de Jesus. Muitas pessoas acham que este versículo de Mt 24:40 refere-se ao arrebatamento mencionado em 1 Ts 4:16-17. Pode ser. Mas é interessante notar que o contexto do versículo sugere que o mau é que será levado, e não o bom.

Neste momento você pode estar pensando que este método de interpretação da passagem não é bom. Depois de tudo, o verso "um será levado e o outro deixado" é realmente acerca do arrebatamento. Certo? Bem, pode ser. Como você pode ver, nós todos chegamos à Bíblia com idéias pré-concebidas. Algumas vezes elas estão certas, outras, erradas. Nós sempre deveríamos estar prontos a ter a nossa compreensão da Bíblia desafiada pelo que é dito. Se nós não estivermos dispostos, então somos presunçosos. E Deus está distante do soberbo (Sl 138:6).

6. Quais são os versículos relacionados ao assunto da passagem e como eles afetam a compreensão desta?

Acontece que existe uma passagem relacionada, na verdade, paralela, encontrada em Lc 17:26-27. **"Assim como foi nos dias de Noé, também será nos dias do Filho do Homem."**²⁷ *O povo estava comendo, bebendo, casando-se e sendo dado em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca. Então veio o dilúvio e destruiu a todos.* (NVI).

Rapidamente, nós descobrimos que estes versos relacionados sem dúvida afetam a nossa maneira de entender a passagem inicial. Está claro nesta passagem de Lucas que aqueles que foram levados pelo dilúvio eram aqueles que estavam comendo, bebendo e se dando em casamento. Em outras palavras, não foram as pessoas boas que foram levadas, foram as más.

Como você pode ver, isto tem um profundo impacto na maneira como compreendemos nossa passagem em Mt 24:40. O contexto não sugere que aquele que está no campo que será levado não é o mau? Como este contexto afeta as minhas idéias pré-concebidas acerca deste verso? Vamos ler o versículo novamente, mas agora dentro do seu contexto imediato: Mateus 24:37-42, **"Como foi nos dias de Noé, assim também será na vinda do Filho do Homem."**³⁸ *Pois nos dias anteriores ao dilúvio, o povo vivia comendo e bebendo, casando-se e dando-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca;*³⁹ *e eles nada perceberam, até que veio o dilúvio e os levou a todos. Assim acontecerá na vinda do Filho do Homem.*⁴⁰ *Dois homens estarão no campo: um será levado e o outro será deixado.*⁴¹ *Duas mulheres estarão moendo num*

moinho: uma será levada e a outra deixada. ⁴² Portanto, vigiem, porque vocês não sabem em que dia virá o seu Senhor" (NVI).

O que é que você acha agora? Quem foi levado, o bom ou o mau? Então, este verso faz referência ao arrebatamento ou não? Só perguntando.

De interesse correlato é uma passagem em Mt 13:24-30 onde Jesus conta a parábola do semeador que semeou a boa semente no seu campo e alguém, depois, semeou joio. Os servos perguntaram se eles deveriam ir imediatamente e arrancar o joio. Mas, no verso 30, Jesus diz "**Deixem que cresçam juntos até a colheita. Então direi aos encarregados da colheita: juntem primeiro o joio e amarrem-no em feixes para ser queimado; depois juntem o trigo e guardem-no no meu celeiro.**" (NIV)

O ponto digno de nota aqui é que o primeiro a ser ajuntado é o joio, e não o trigo. Isto fica ainda mais interessante quando Jesus explica a parábola em Mt 13:36-43 e estabelece que eles serão atirados à fornalha.

Adicionalmente, quando nos voltamos para Lc 17, que é a passagem paralela de Mt 24, nós descobrimos que os discípulos fizeram a Jesus outra pergunta por causa da resposta de Jesus que dizia "**dois estarão no campo e um será levado.**" No verso 37 eles perguntam, "*Onde, Senhor?*" *perguntaram eles. Ele [Jesus] respondeu, "Onde houver um cadáver; ali se ajuntarão os abutres."*

Eles serão levados a um lugar de morte.

7. Qual é o fundo histórico e cultural?

Esta é uma questão mais difícil de responder. Ela requer um pouco mais de pesquisa. Um comentário é digno de ser examinado aqui, já que ele usualmente provê um pano de fundo histórico e cultural para ajudar a desvendar o texto.

Neste contexto, Israel estava debaixo da lei romana. Eles estavam proibidos de exercer a punição capital (pena de morte) e de custear uma guerra. Roma estava dominando a pequena nação. O judaísmo era tolerado apesar da liderança romana. Além de tudo, Israel era um pequeno país oriental com um povo que era fanático pela sua religião. Então, Roma permitiu que Israel fosse governado por políticos judeus marionetes.

O templo era o lugar de adoração da comunidade israelense. Ali os sacrifícios de sangue eram oferecidos pelo sumo sacerdote para a expiação dos pecados da nação. Levaram 46 anos para contruí-lo (Jo 2:20). Jesus disse que o templo seria destruído; o que gerou a pergunta que O levou a fazer o discurso que contém a passagem examinada.

8. Qual a conclusão que eu posso tirar desta passagem?

Desde que o contexto da passagem sugere que o mau é que será levado, eu estou concluindo que aquele que será levado no campo não será o bom, mas sim o mau. Eu também sou tentado a concluir que o maus serão levados ao lugar de julgamento.

9. As minhas conclusões concordam ou discordam de áreas relacionadas nas Escrituras ou com outras pessoas que já estudaram a esta passagem?

Eu já apresentei outras passagens que me permitem chegar a conclusão que cheguei. No entanto, isto não está de acordo com todos os comentários que eu tenho lido acerca deste verso. Neste ponto eu necessito apresentar minha conclusão a outros para ver o que eles pensam. Só porque eu estudei a Palavra e cheguei a uma conclusão não significa que ela esteja correta. Mas não significa que esteja errada, no entanto.

Consultar outras pessoas, examinar a palavra de novo e buscar a Deus humildemente e a sua iluminação. Eu só posso ter a esperança de chegar à melhor conclusão possível acerca da passagem.

10. O que eu posso aprender e aplicar à minha vida?

A Interpretação da Escritura tem um propósito: Entender a Palavra de Deus mais exatamente. Com um melhor entendimento da Sua palavra, nós poderemos aplicá-la à área a que ela se destina. No nosso caso, a passagem revela uma área do futuro e uma época de julgamento. A aplicação, então, é que Deus executará o julgamento sobre os injustos no fim dos tempos.

Concluindo:

Este artigo é somente uma demonstração. Ele é básico e não cobre todos os pontos da interpretação bíblica. Mas isto já dá uma direção e um exemplo de como você deve aplicar. Como eu disse antes, ore. Leia a Sua Palavra. Examine as Escrituras o melhor que você puder para um melhor entendimento e melhor preparo. Seja humilde na sua abordagem e teste tudo o que concluir pela própria Bíblia.

Uma última coisa: você concordou com a minha conclusão?

PARTE II - ASPECTOS DA INTERPRETAÇÃO

Introdução

O objetivo desta aula e da seguinte é estudar alguns aspectos da interpretação que são fundamentais para uma correta compreensão das Escrituras. São aspectos que devem ser levados em conta pelo intérprete ao procurar chegar ao sentido da Palavra de Deus. Estes aspectos decorrem do fato que a Bíblia é um livro divino e humano ao mesmo tempo. Desta forma, alguns dos aspectos são pertinentes somente à interpretação da Bíblia, enquanto que outros, à interpretação de textos antigos em geral.

A BÍBLIA É UM LIVRO DIVINO	Portanto, devemos levar em consideração o aspecto "espiritual" da interpretação. Ou seja, precisamos considerar o papel do Espírito Santo na interpretação (aspecto pneumológico)
A BÍBLIA É UM LIVRO HUMANO	Portanto, devemos levar em consideração que a Bíblia, sendo um texto antigo, demanda considerações gramaticais, literárias, históricas e teológicas para sua interpretação.

Mais uma vez lembremos que adotamos uma *interpretação reformada* das Escrituras. O que isto significa? Em poucas palavras, é um sistema de interpretação que:

- está historicamente associado ao método gramático histórico de interpretação, adotado, usado e defendido pelo Reformadores.
- tem como pressuposto a inspiração e veracidade das Escrituras;
- procura estar sensível aos estudos modernos de ciências correlatas que podem trazer algum auxílio à interpretação do texto bíblico.

Apresentamos nesta aula dois importantes aspectos da interpretação reformada das Escrituras que devem ser levados em conta pelo exegeta reformado. Estes aspectos são derivados da natureza das Escrituras, como expostos na aula anterior.

1. Aspecto pneumológico

Podemos dividir em duas etapas a obra do Espírito Santo em comunicar a verdade de Deus:

- Revelação, que foi o primeiro estágio, objetivo em sua natureza. Consistiu na atuação do Espírito nos autores bíblicos e no texto que produziram, de tal forma a termos o registro infalível da Palavra de Deus.
- Iluminação, que é subjetivo, consiste na iluminação de nossa mente para compreender a verdade revelada nas Escrituras. É com este segundo estágio que nos ocuparemos aqui.

A atuação iluminadora do Espírito de Deus na leitura e compreensão das Escrituras é uma dimensão freqüentemente ignorada por estudiosos comprometidos com o método histórico-crítico e com seus pressupostos. Para eles, não há qualquer interferência ou participação de Deus no processo de compreensão. A exegese é um processo absolutamente mecânico, uma simples aplicação de métodos supostamente científicos. Veja o que disse o biblista católico Severino Croatto em seu livro "Hermenêutica":

Não existe uma hermenêutica bíblica diferente de outra filosófica, sociológica, literária e outras. Há apenas uma hermenêutica geral, da qual existem muitas expressões regionais. O método e o fenômeno coincidem em todos os casos. É verdade, contudo, que a hermenêutica bíblica tem uma característica talvez inédita por assumir textos de uma longa trajetória de criação e reelaboração, originados em um povo com um itinerário igualmente longo, unificado por uma concepção linear e teleológica da história que exige um grande trabalho interpretativo. Esta fecundidade hermenêutica será bem assinalada no decorrer deste estudo.

Para Croatto, a única diferença entre a Bíblia e outros livros é que ela é um texto antigo que tem um conceito peculiar de história.

O Senhor Jesus prometeu a direção do Espírito à Sua Igreja	Porém, para os estudiosos comprometidos com a inspiração das Escrituras, a atuação do Espírito deve ser levada em conta, considerando a natureza da mensagem bíblica e a situação de cegueira espiritual a que o homem está sujeito (reveja o distanciamento espiritual e moral que mencionamos na aula passada). Devemos interpretar a Bíblia levando em conta o que ela diz acerca do papel do Espírito Santo no processo de interpretação. Há uma série de textos bíblicos que tratam desta relação. Nem todos foram escritos de forma direta sobre o assunto, mas nos trazem princípios gerais sobre a obra do Espírito sobre a comunicação da verdade de Deus:
---	--

João 14.26	O Senhor Jesus prometeu aos apóstolos que o Espírito haveria de ensiná-los em todas as coisas e os faria lembrar de tudo que Ele havia dito. O cumprimento desta promessa deu-se primariamente na pregação apostólica e na composição das Escrituras. Porém, ela tem uma aplicação ainda hoje, quando o povo de Deus lê as Escrituras buscando a iluminação do Espírito.
João 16.13-15	Nesta passagem o Senhor prometeu aos apóstolos que o Espírito haveria de guiá-los a toda verdade. O Senhor referia-se ao conhecimento de Deus, e não a um conhecimento amplo de todas as coisas. Esta promessa cumpriu-se nos escritores do Novo Testamento, que registraram de forma infalível a Palavra de Deus. E podemos contar que o Espírito hoje nos conduz a reconhecer a verdade da Palavra de Deus.
1 Coríntios 2.10-11,13	Nesta passagem o apóstolo Paulo refere-se à obra iluminadora do Espírito, revelando às nossas mentes a verdade da Palavra de Deus. Não se trata de uma nova revelação, mas da iluminação de nossa mente e coração, capacitando-nos a receber a revelação de Deus, que é a Bíblia.
2 Coríntios 3.14-16	Nesta passagem, onde mostra a superioridade da nova aliança sobre a antiga, Paulo explica que é somente pelo Espírito de Deus que existe liberdade hermenêutica para ler-se o Antigo Testamento. O AT é um livro "fechado" até que o véu hermenêutico seja removido pela conversão ao Senhor Jesus.
1 João 2.20,27	Nestes versos, o apóstolo João fala da "unção" que vem de Deus e que nos habilita a saber as coisas de Deus. A maioria dos estudiosos entende que João refere-se ao Espírito Santo, em seu papel de iluminar os crentes quanto à verdade de Deus.

Considerando a origem divina das Escrituras, a natureza espiritual de sua mensagem e o problema criado pelo pecado no entendimento do homem, é evidente que carecemos da atuação iluminadora do Espírito de Deus para podermos entender a mensagem que Deus revelou nas Escrituras. Os textos bíblicos acima mostram isto.

Principais questões:

Embora haja pouca dúvida entre os estudiosos evangélicos de que o Espírito desempenha de fato um papel no processo interpretativo, a grande questão é saber **exatamente** qual é este papel. E nisto os evangélicos têm apresentado diversas e diferentes soluções. Entender mais claramente o papel do Espírito é importante em nosso desejo de estabelecer e usar princípios de interpretação que nos conduzam ao sentido real dos textos bíblicos. Corremos, por um lado, o risco de exagerarmos na função do Espírito, e cairmos numa hermenêutica carismática. Por outro, podemos ignorá-la, caindo numa exegese mecânica e árida. Queremos o equilíbrio.

As principais questões levantadas pelos estudiosos são estas:

- I. *Qual é exatamente o papel do Espírito na interpretação?* Ele revela novos sentidos ao intérprete que vive uma vida de oração e comunhão com Deus? Ou apenas ilumina o entendimento para que ele possa crer naquilo que seu trabalho exegético já descobriu?
- II. *Qual a relação entre espiritualidade e exegese?* Até que ponto a minha espiritualidade influencia a minha exegese? A minha vida de oração tem a ver com a eficácia da minha interpretação?

Principais respostas

Os estudiosos têm dado diversas e diferentes respostas a estas questões. Vejamos algumas das mais importantes.

- John Stott
- John Stott** -- este conhecido estudioso afirma que somente o Espírito de Deus pode interpretar o livro de Deus, visto que é seu próprio autor. Os autores bíblicos falaram movidos pelo Espírito (2 Pe 1.21); conseqüentemente, sendo o autor último da Bíblia, o Espírito pode nos levar ao sentido do que fez escrever. Stott descreve que tipo de pessoa o Espírito ilumina (*The Interpretation of the Bible*, pp. 157-9):
- O regenerado ou nascido de novo (Jo 3.3; 1 Cor 2.14);
 - O humilde (Mt 11.25-26);
 - O obediente (Jo 7.17);
 - O comunicativo (?)

Esta posição sugere que sem a iluminação do Espírito ninguém pode entender a sua mensagem. Aos crentes humildes, obedientes e comunicativos, Deus concede o verdadeiro sentido das Escrituras.

Moisés Silva -- Ele defende no artigo "A Função do Espírito da Interpretação Bíblica" que nossa espiritualidade não tem qualquer influência na precisão da exegese bíblica. Reagindo contra a idéia de que pessoas cheias do Espírito irão ter uma exegese mais exata do texto do que outras que não são tão espirituais, Silva argumenta que em sua maior parte a exegese consiste na aplicação metodológica de regras de interpretação, conhecimento da gramática e da sintaxe, conhecimento da cultura e da história -- coisas que independem do estado espiritual de quem faz a exegese (veja o artigo de Silva nas Referências desta aula).

Ele sugere que pessoas descrentes mas preparadas hermeneuticamente farão uma exegese melhor do que crentes piedosos sem preparo algum. A ação do Espírito fará diferença apenas quanto à **aplicação** dos resultados da interpretação. Sem negar a atuação do Espírito na vida do exegeta crente, Silva defende entretanto que o resultado da exegese depende mais da nossa capacidade como intérpretes do que de algum ato miraculoso de revelação do Espírito.

Daniel B. Wallace -- ele argumenta que o papel do Espírito é produzir **convicção** da verdade, mais do que dar **conhecimento** dela. O Espírito dá testemunho da verdade quando alguém abre as Escrituras e começa a ler. Wallace entende o papel do Espírito em termos do que Paulo chama de "testemunho do Espírito ao nosso espírito" (Rm 8.16), e que Calvino chamou de "o testemunho interno do Espírito". É aquela persuasão interna operada pelo Espírito, convencendo-nos da verdade. Wallace entende que é isto que o Espírito faz. Ele não dá conhecimento novos, nem novas revelações, mas simplesmente testifica conosco de que estamos diante da verdade (veja seu artigo nas Referências).

Considerando que existem muitas divergência entre cristãos sinceros e piedosos quanto a determinados pontos das Escrituras, Wallace sugere que o Espírito só dá testemunho dos pontos centrais da Escritura. Por este motivo, os cristãos se dividem quanto a pontos secundários, pois não há testemunho do Espírito quanto a eles. A dificuldade com a posição de Wallace é que ela introduz uma distinção entre doutrinas centrais e secundárias que variará de acordo com a tradição e as convicções de alguém. Por exemplo, na lista de Wallace constam como doutrinas secundárias o papel da mulher na liderança, a doutrina da inerrância da Bíblia, o tempo que Deus levou para criar o mundo e os dons espirituais. Nem todos concordariam com a lista de Wallace.

Tentando achar um caminho

Apesar das divergências quanto ao modo e intensidade da atuação do Espírito na interpretação, penso que podemos fazer algumas afirmações em busca de um caminho que leve em consideração as principais preocupações dos diferentes posicionamentos quanto ao assunto;

1. **É necessário orar e labutar** (o lema de Calvino) para entendermos corretamente as Escrituras: orar por iluminação do Espírito e labutar estudando as Escrituras, usando todos os recursos disponíveis.
2. Quanto mais alguém entristece o Espírito de Deus, desobedecendo as Escrituras e diminuindo o respeito por sua autoridade, mais e mais tenderá a **torcer o texto** (2 Pe 3.15-16).
3. Os que crêem que **o Espírito de Deus intervém de forma direta no mundo**, estarão em melhor condição de interpretar os relatos bíblicos sobre profecias e milagres. Os incrédulos tenderão a interpretar estas passagens como *vaticinia ex eventu* e mitológicas, perdendo de vista a intenção do texto.
4. O objetivo da exegese não é somente adquirir conhecimento, mas sermos transformados pelo poder do Espírito, através da Palavra. Assim, devemos ler as Escrituras abertos para sermos transformados pelo Espírito (2 Co 3.18).
5. Não devemos pressupor que nossa exegese será correta se simplesmente orarmos e somos espirituais. O castigo para a preguiça e falta de estudo sério será uma exegese forçada e superficial. O Espírito de Deus não me transmitirá miraculosamente conhecimentos que eu posso adquirir estudando.

2. Aspecto Teológico

Um outro importante aspecto dentro dos princípios de interpretação da Bíblia é a influência dos pressupostos, da experiência e de outros fatores inconscientes na leitura do texto sagrado, especialmente daquilo que cremos em relação a Deus e às Escrituras.

DETERMINISMO NA INTERPRETAÇÃO?

Alguns grupos utilizam-se de forma inadequada da influência do contexto social e outros na leitura da Bíblia, ao ponto de fazerem da Bíblia um apoio para sua ideologia. Afirmam que uma leitura da Bíblia feita pelos pobres e oprimidos da América Latina será essencialmente diferente daquela feita por brancos americanos de classe média.

Embora possamos concordar que o contexto social e o ambiente vivencial do leitor possibilitem a descoberta de aspectos e nuances da mensagem da Bíblia, penso que é ir longe demais afirmar que pobres e ricos jamais poderão concordar em sua leitura das Escrituras, a não ser que o rico faça uma opção pelos pobres e que os pobres se engajem na práxis política de libertação social. Este "determinismo" do ambiente social nos rouba da validade na interpretação da Palavra de Deus.

Conceitos gerais

As afirmações abaixo tem como alvo abordar alguns pontos essenciais deste aspecto da interpretação.

Não existe interpretação "neutra" -- Os estudiosos racionalistas, entusiasmados com o pretensão poder da razão para alcançar a verdade através da análise lógica, condenaram qualquer atitude ou convicção anterior à investigação, que pudesse já condicionar o resultado da mesma. Neste sentido, insistiram em deixar de fora da exegese "científica" da Bíblia idéias pré-concebidas sobre ela, como a sua inspiração e infalibilidade. O que não quiseram ver na época foi que simplesmente substituíram pressupostos teológicos por filosóficos, como a concepção do universo como sendo um sistema fechado de causa e efeito e uma concepção dialética (hegeliana) da história.

1. O papel dos pressupostos teológicos sempre foi destacado pela Igreja -- Em nossos dias, depois da obra de Schleiermacher, Gadamer, Saussure, Bultmann e Derrida, vemos um abandono gradual da utopia racionalista e uma nova apreciação pelo envolvimento do intérprete na exegese. Pode parecer a alguns que seja uma conquista da hermenêutica pós-moderna. Mas, na verdade, a Igreja reformada sempre ensinou que sem fé e sem o auxílio do Espírito não se pode entender a Bíblia corretamente.

A natureza da revelação e do entendimento garantem a validade na interpretação -- Muito embora nossos pressupostos teológicos formem perspectivas dentro das quais o conhecimento da verdade revelada se faz possível, isto não torna viciados os resultados da nossa investigação, ao ponto de se relativizar irremediavelmente toda interpretação. Na verdade, os pressupostos teológicos corretos acerca de Deus e da Escritura nos colocam numa posição de melhor entender a sua mensagem. É isto que faz com que cristãos do mundo todo, com diferentes horizontes de compreensão, vindos de diferentes culturas e que passaram por diferentes experiências, consigam interpretar a Bíblia da mesma forma, ao ponto de chegarem aos mesmos resultados (adaptados e acomodados à sua linguagem e cultura): Cristo morreu pelos nossos pecados, ressuscitou literalmente de entre os mortos, está a direita de Deus e virá para julgar os vivos e os mortos.

PRESSUPOSTOS UNIVERSAIS

Não devemos exagerar a influência dos pressupostos ao ponto de relativizar completamente a interpretação. Lembremos que entre os pressupostos de cada leitor estão alguns que são comuns a todo ser humano: sua humanidade básica, o funcionamento padrão do cérebro humano, o sistema estrutural universal da linguagem, a universalidade das experiências e emoções humanas, e especialmente o Deus imutável, que se revela aos homens pela natureza, pela consciência e pela Palavra.

2. É essencial o uso correto do círculo hermenêutico -- "Círculo hermenêutico" refere-se à interação entre o texto e o leitor. O leitor se aproxima do texto trazendo seu horizonte de compreensão e lê o texto dentro dos limites deste horizonte. O texto, em troca, desafia o leitor a rever criticamente seus pressupostos e mudá-los. Após estas mudanças, o leitor novamente aproxima-se do texto, com seu horizonte agora mais definido pelo próprio texto. E aí fecha-se o círculo. Já que pressupostos são inevitáveis, bem como o círculo hermenêutico, devemos estar constantemente revendo estes pressupostos à luz do texto, deixando que a Palavra de Deus nos transforme. O problema não são os pressupostos, mas pressupostos incompatíveis com a

natureza do texto bíblico. O problema com os exegetas histórico-críticos é que não se deixam desafiar nem transformar pela Bíblia.

Pressupostos Reformados

Na tabela abaixo mencionamos alguns dos principais pressupostos teológicos que nos dão perspectivas dentro das quais podemos interpretar as Escrituras com competência:

A existência de Deus	Deus existe e atua na história. Milagres e profecia são possíveis. Portanto, podemos interpretar os relatos da atividade sobrenatural de Deus como história e não mito. Nada impede que o Cristo da fé tenha sido o mesmo Jesus da história.
Revelação Progressiva	Deus se revelou progressivamente. A revelação não foi dada de uma única vez, da mesma forma, numa mesma época e às mesmas pessoas. Portanto, devo ler o texto bíblico comparando as suas diferentes partes, considerando que as mesmas têm uma unidade básica mas que existe desenvolvimento dentro delas.
Inspiração e Autoridade	Os escritores bíblicos foram movidos pelo Espírito, de tal forma que seus escritos são inspirados por Deus. Portanto, são autoritativos e infalíveis. Devemos interpretar suas partes difíceis sem recorrer a soluções que impliquem na presença de erros, contradições ou inverdades nelas.
História da Redenção	A Bíblia deve ser lida como o registro dos atos redentores de Deus na história. Estes atos foram interpretados e registrados por escritores inspirados por Deus. Portanto, a Bíblia deve ser lida, não como um manual de ciências, astronomia, geografia ou física, mas como um livro teológico.
Cristo	Devemos ler a Bíblia sabendo antecipadamente que Cristo é a substância de todos os tipos e símbolos do AT, do pacto da graça e de todas as promessas. Que os sacramentos, genealogias e cronologias da Escritura nos mostram as épocas e tempos de Cristo. Cristo, portanto, é a própria substância, centro, escopo e alma das Escrituras.
Cânon	O cânon protestante das Escrituras é a coleção feita pela Igreja de livros que ela reconheceu que foram dados pela inspiração de Deus. Cada livro deve ser lido e entendido dentro deste contexto canônico, que é o contexto apropriado para a interpretação. Podemos usar material extra-bíblico para esclarecer determinadas passagens, mas os limites do cânon determinam o horizonte da exegese.

Aplicação

Para concluirmos esta aula, examine a gravura ao lado. Identifique-se com algum dos personagens e interprete a mensagem da gravura para sua vida, para o momento em que você está vivendo.

Escreva uma mensagem ao professor dizendo de que forma a sua teologia e seu ambiente vivencial determinam a interpretação da mensagem da gravura.

Que diferença faria se a mensagem fosse interpretada por um pobre ou um rico? Uma mulher ou um homem?

E qual a conclusão que você poderia tirar para a interpretação bíblica?